

## ZAP MANGE (A CONSTRUÇÃO DA CASA): UMA ETNOGRAFIA SOBRE A ARQUITETURA ZORÓ

Maria Conceição de Lacerda\*

© INSTITUTO DE INVESTIGACIONES ANTROPOLÓGICAS DE CASTILLA Y LEÓN, Salamanca | 2015.  
Recebido em 09/03/2015 e aceito em 19/10/2015.

**Resumo:** Esta análise etnográfica da Arquitetura tradicional Zoró pretende mostrar os usos de categorias como “maloca”, “casa tradicional”, entre outras que são acionadas para tratar dos modelos arquitetônicos indígenas do Brasil, para dar conta da especificidade dessas estruturas genericamente classificadas como “maloca” e registradas pela arquiteta Leda Lima Leonel como Arquitetura tupi-mondé. Dessa forma, revelam-se paradoxos e coerências cosmológicas desse grupo profissional que são os construtores de casa tradicionais do Povo Indígena Zoró e o decorrente impacto ambiental desta arquitetura.

**Palavras chave:** Arquitetura; Maloca; Casa Tradicional; Arquitetura tupi-mondé.

**Resumen:** Este análisis etnográfico de la arquitectura tradicional de los Indios Zoró tiene como objetivo mostrar los usos de las categorías como "casa comunal", "casa tradicional", entre otros que se ven obligados a hacer frente a los modelos arquitectónicos indígenas de Brasil. Para tener en cuenta la especificidad de estas estructuras generalmente clasificados como "casa comunal", y grabada como Arquitectura Tupi-monde por la arquitecta D<sup>a</sup> Leda Lima Leonel. Revela paradojas cosmológicas y coherencia de este grupo profesional de constructores de las casas tradicionales del Pueblo Indígena Zoró. E el impacto ambiental de esta arquitectura.

**Palabras Clave:** Arquitectura; Casa Comunal (Maloca); Casa tradicional; Arquitectura Tupi-monde.

### INTRODUÇÃO

O desejo de escrever sobre a maloca – casa tradicional do Povo Zoró - surgiu em janeiro de 1999 na aldeia Anguj Tapua na Terra Indígena Zoró quando acompanhei, pela primeira vez, o processo de construção de uma casa tradicional. Para fazer este trabalho, entrevistei uma das pessoas mais experiente desta aldeia, o sr. Manoel Tuatjut Zoró. E, posteriormente, juntamente com o professor indígena Edmilson Iterandu Zoró, entrevistamos o Zawijaj Márcio

Zap'ap Zoró na aldeia Pawanewã. O objetivo, na época era registrar o conhecimento do povo Zoró sobre este tema.

Durante a construção de minha tese doutoral nos anos de 2008 a 2013, debruçada sobre o tema da educação tradicional, os modos de ensinar e aprender dos Zoró, as anotações e fotografias sobre a construção da casa serviram para falar do processo de ensino e aprendizagem que ocorre durante a edificação. Para conhecer e para ensinar meus alunos dentro da escola, utilizei este tema por meio de ilustrações e informações desde a coleta do material, até o seu uso buscando uma interculturalidade, um diálogo com os conhecimentos tradicionais

\* Doutora em Antropologia de Ibero América na Universidade de Salamanca. Atua no Centro de Educação Popular e Promoção Humana Casa de Nazaré e trabalha como Assistente Pedagógico no Athenas Grupo Educacional.

Zoró.

A maloca representa para Zoró uma parte da sua história e, por isso mesmo, importante para os Zoró a aldeia. O conhecimento é assim constituído e reunido em torno de um homem de prestígio o Zawijaj, literalmente, "dono da casa". A liderança que este homem exerce decorre como ponto de partida, da sua disposição para tomar iniciativas, como construir uma nova casa, abrir uma roça, oferecer festas e, também, promover arranjos matrimoniais.

### ACASA NO ESPAÇO DA ALDEIA

Fundada por um homem disposto a ter sua própria zap e a sua pajãwé - o termo Zap designa a construção da casa, o local ou a aldeia é chamada de pajãwé, a pajãwé (aldeia) se mantém enquanto perduram as condições ecológicas e políticas necessárias: abundância de caça, faixas de terras férteis nas proximidades, vida do Zawijaj. Arruinando-se estas condições, as mudanças de local aconteciam em intervalos de dois a cinco anos. O mais comum era mudar de aldeia por questões econômicas de sobrevivência, ou seja, busca de terra fértil para fazer a roça. Mas se o Zawijaj morre os demais moradores queimam as casas e mudam da aldeia. Atualmente as aldeias são "permanentes". O que ocorre são as distâncias das roças.

O padrão residencial tradicional do Povo Zoró é de que chefes e indivíduos de prestígio, como os membros das categorias correspondentes à dos Wãwãj, vivem virilocalmente (a mulher mora na casa da família do esposo), enquanto os "comuns" devem passar por um estágio uxorilocal (o esposo mora na casa do sogro) antes de se estabelecerem virilocalmente. Esse modelo é, entretanto flexível, pois, no caso de Wãwã de prestígio, pode acabar mantendo os genros definitivamente em casa (configurando uma uxorilocalidade permanente). A relação de descendência no modelo Zoró é de escolha residencial uxorilocal e reúne de partida, genro e sogro e afasta os filhos homens. Uma etapa essencial no processo de casamento é o jovem "noivo" migrar para a aldeia do "futuro sogro" para fazer roça. Um bom genro é aquele que faz a roça para o sogro, ou junto com ele.

A aldeia tradicional Zoró era formada pela casa ou maloca (zap). Segundo relatos dos mais velhos, moravam até oitenta pessoas – as



Figura 1. A maloca (Zap Tere).

fotos aéreas da época confirmam tal informação. O pátio da aldeia é o espaço para rituais e atividades do cotidiano. O cercado, para criação de animais e um pequeno tapiri, na floresta, próximo à maloca, formam parte do sistema de produção. O bekã (sem vocábulo correspondente em língua portuguesa) é o local onde os homens confeccionavam e ensinavam seus filhos a fazerem arcos e flechas, mas também poderia ser utilizado como lugar de concentração dos convidados para as festas na aldeia. Segundo a tradição, é uma indelicadeza os convidados chegarem antes da festa iniciar, e/ou chegar antes dos demais, para isso o bekã é preparado para recepcioná-los, e também para que possam descansar, fazer a pintura corporal, preparar seus instrumentos e enfeites.

A maloca em formato oblongo, feita de madeira e palha de babaçu (*Orbignia martiana*) amarrados com envira, é o espaço da vida comunitária cotidiana. Segundo Zawyt Wãwã a maloca é importante na cultura Zoró, pois sua utilização serve a finalidades definidas: local para atividades cotidianas, atividades culturais, danças rituais, espaço para realização de funeral e símbolo de identidade. As atividades cotidianas da aldeia envolvem o descanso, o preparo dos alimentos, as conversas informais, a intimidade da família, as brincadeiras. A maloca como local das cerimônias rituais, aconselhamentos, histórias contadas à noite e pela madrugada, ao rito de passagem feminino (no fundo da maloca é separado um espaço: clausura, onde a jovem fica isolada dos demais moradores), às cerimônias de cura, dentre outras. Quanto ao local para realização de funeral, é na maloca onde são enterrados os mortos da aldeia, que ao fim é

queimada para simbolizar o corte das relações do espírito da pessoa enterrada com as pessoas vivas da aldeia.

Quanto ao espaço de identidade, são raras as aldeias Zoró que não tenham uma maloca, mesmo em meio às casas de material ou alvenaria construídas de acordo com o padrão ocidental. É como se não existindo maloca não existisse aldeia (sem espaço para os rituais e festas tradicionais). É também a representação de poder do Zawijaj (cacique) local. A maioria deles mora na maloca ou tem uma maloca para seu descanso.

A maloca apresenta uma funcionalidade excepcional em relação à segurança, por permitir aos guerreiros postarem-se em suas vigas, à espreita de eventuais invasões de guerreiros inimigos, em locais estratégicos que dão condições a repelir os ataques. A sua construção em palha permite um acúmulo menor de calor, o que torna extremamente agradável o seu interior nos dias muito quentes. O calor produzido pelos fogões de lenha sob o chão batido e o impedimento da entrada de vento faz com que as noites não sejam tão frias. Quando das friagens intensas, características dessa parte da Amazônia, os Zoró utilizam um pequeno fogo sob suas redes. No pátio da aldeia são realizadas as danças rituais – e daí para o interior da maloca. Em algumas aldeias existem totens feitos para homenagear grandes líderes do passado e o banco do Wāwā é utilizado para incorporação de espíritos em algumas festas religiosas.

Os Zoró antes do contato viviam em sistema de “migrações sazonais” (MAUSS, 2003) dentro do seu território. Esse ir e vir ocorria principalmente para evitar o esgotamento excessivo do solo e a queda de produtividade da roça, haja vista os solos serem de baixa a média fertilidade. Ou seja, de certa forma era o sistema de agricultura adotado que definia a mudança do grupo. Esse modo próprio de viver era também influenciado fortemente pela caça e pesca abundante, coleta de frutos, e até por pressões dos grupos inimigos. Habitavam uma aldeia por um período de três a quatro anos, voltando ao mesmo local por igual período de tempo para morar. Renovavam a cobertura e a estrutura da aldeia abandonada – que tinha em média uma vida útil de quatro anos.

Em todas as aldeias antigas e abandonadas no pré-contato – e visitadas durante a pesquisa de campo – a roça é o vestígio visível da ocupação pelo grupo. O que dá para afirmar

que não existia uma aldeia sem a roça, para a produção de produtos destinados à alimentação e a produção de bebidas. Dessa forma, os Zoró, além de caçadores e coletores, eram também agricultores.

Esse modo de viver é interrompido no pós-contato com a sociedade nacional envolvente, em função das mudanças ocorridas na organização social do grupo, pela diminuição do seu território, por não existirem as guerras com seus inimigos históricos e pela introdução de certos elementos provenientes da cultura do colonizador, como a energia elétrica, água encanada de poço, entre outros.

As aldeias maiores tinham duas casas grandes que comportavam de três a cinco famílias: o dono da casa, sua esposa, seus filhos solteiros, filhas solteiras e casadas e genros, talvez seus irmãos e famílias, às vezes seus filhos casadas e noras. Normalmente eram a casa do Zawijaj (cacique) e a casa do Wāwā (pajé). Na aldeia que não tinha pajé havia apenas uma casa grande. Atualmente cada família constrói sua casa em madeira ou alvenaria diferente do modelo tradicional e constroem todos juntos a (Zap Tere) maloca tradicional que segue sendo a maloca do cacique, mas o Zawijaj também tem sua casa, conforme conta Samuel:

[...] Olho para aldeia Anguj Tapua e vejo uma estrutura de saneamento diferente das aldeias tradicionais do meu povo. Há quatro lavanderias com banheiros e sanitários feitas em alvenaria. Vejo as mulheres jovens usando este espaço e lavando suas roupas em máquinas de lavar. Antigamente, não existia lavanderia as mulheres lavavam as roupas no igarapé esfregando nas pedras. E bem mais antigamente, o tio Manoel conta, não havia roupa, nem este trabalho de lavá-las. Sanitário? Era a floresta a gente ia longe para o vento não trazer o cheiro pra aldeia e cada um tinha o seu lugar não era um banheiro coletivo como é agora.

As casas são de madeira, umas estão cobertas com telha Eternit e outras de telha de barro, há cozinhas construídas fora de casa, elas são de madeira e cobertas de palha de babaçu. As casas modelo regional, tipo duas águas com quartos e sala de televisão, com piso de assoalho ou de cerâmica, algumas casas tem varanda. A maloca, casa tradicional (zap teré) aquela casa coletiva, oval, toda coberta e cercada de palha nova de babaçu, e que nós Zoró conhecíamos como primeiro espaço de sobrevivência. A maloca atual está no meio do pátio interno da aldeia. Na maloca nossa casa tradicional mora o cacique, mas ele também tem sua casa de madeira com piso de cerâmica. Em volta do pátio

vejo o pasto, mesmo sem gado. Tradicionalmente nós não plantávamos pasto, os velhos eram acostumados a fazer sua roça mais perto da aldeia, agora elas fazem a roça no pasto<sup>1</sup>.

## A CASA COMO REFERENCIA À ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A organização social Zoró tem como base o núcleo familiar, que em tempos passados organizava-se em clãs. Tomo como referência DalPoz (2004) para embasar essa afirmação. E ao discorrer sobre o povo Zoró e sobre a sua forma de organização, Brunelli (1987, 162 p.) diz que:

[...] Nós acreditamos na hipótese de que a identidade Pangeyen (grafia que o autor utilizou), aquela pela qual se reconhece agora o grupo Zoró, seria recente. Nosso estudo etno-histórico nos leva a crer que dificilmente se poderia falar dos Zoró antes do contato como sendo uma “tribo” na acepção da palavra como ela é empregada para designar habitualmente um grupo numericamente restrito com uma origem comum, em função da solidariedade interna. Parece que, os Zoró no decorrer de sua história, nunca experimentaram uma situação semelhante até a época do estabelecimento do contato oficial. Eles formavam até então um conjunto de grupos locais, com dimensões demográficas muito variáveis, autônomos no plano político e econômico e que se ocupavam com as relações de guerra e alianças.

De acordo com a sua tradição do sistema de clãs, a descendência é paterna, a mãe não influencia na determinação do grau de parentesco, conforme o sistema do ocidente. Esse é o fato que permite o casamento avuncular. Os grupos apresentam características distintas, principalmente àquelas relativas ao comportamento: os Pangyjej são os bravos; os Zabeap Wej os homens bons. De acordo com o exposto, o sistema de clã era a forma de organização do povo.

Os anciãos relatam que no passado (período bem anterior ao contato com o não índio) o povo era formado por diferentes malocas (grupos) que não permitiam o casamento entre indivíduos dos grupos diferentes, ou seja, eram endogâmicos, e inevitavelmente, guerreavam

entre si – ratificando a afirmação do autor citado acima. Acrescentam ainda que a união entre eles deu-se por intermédio do casamento de um homem do grupo Pangyjej, com uma mulher do grupo Zabeap Wej. A partir dessa união – segundo afirmam – para que não houvesse ciúmes, permitiu-se o casamento entre os diferentes grupos. Foi o casamento que permitiu os indivíduos de diferentes grupos locais a viverem sob uma mesma maloca e os laços de parentesco formados os levaram à convivência pacífica.

Nesse contexto, poder-se-ia, de acordo com a citação de Brunelli acima, levantar a hipótese de que os casamentos entre os diferentes grupos podem ter acontecido a partir do momento em que se intensificou o conflito advindo do contato interétnico, levando a uma significativa diminuição de indivíduos do grupo Pangyjej, por terem sido os mais resistentes na defesa do território e não aceitação do contato com os não-índios.

Houve uma grande mortalidade de mulheres e crianças porque eram elas que ficavam na maloca. O segundo é o de que, na iminência de um ataque por terra, as mulheres, as crianças e os velhos eram os que mais pereciam em decorrência de menor agilidade na fuga em relação aos guerreiros. Pode ter havido uma baixa no número de indivíduos, o que poderia colocar em risco a sobrevivência do clã Pangyjej e, para não se extinguirem, utilizaram a estratégia do casamento exogâmico. A resposta à última pergunta é consequência da relação de poder existente entre os clãs, pois são os Pangyjej que detém maior poder entre os demais.

Os Zoró contam essa união de clãs da seguinte forma: uma moça Zabeap Wej falou para seu pai que queria casar com um rapaz Pangyjej. O pai respondeu que para isso deveria ter que suportar muitas coisas, como sempre aceitar o que o futuro marido fizesse ou dissesse e nunca questionar. Só assim, poderia viver com ele<sup>2</sup>. A moça aceitou, e assim, começou o casamento entre indivíduos de clãs diferentes.

O fato é que o casamento entre membros dos diferentes clãs foi um mecanismo que fez com que as brigas cessassem e fortaleceu o grupo

1 ZORÓ, Samuel Junio da Silva. Ensaio de um trabalho para ser apresentado na UNIR, experiência antropológica de estranhamento, 03 de setembro de 2010.

2. O ter que viver com o marido decorre do fato de que a mulher jamais tem a liberdade de abandoná-lo nesta etnia e nos clãs que a compõem.



para o enfrentamento com um novo inimigo que aparecia munido de armas até então desconhecidas e mais poderosas, o “não índio”.

As incursões armadas de vingança e captura de mulheres ocorreram num período em que a relação interétnica se limitava aos seus vizinhos tradicionais. O contato com o colonizador mudou de forma radical a história desse povo – e dos povos indígenas em geral – pois, os que no passado eram inimigos, às vezes considerados como não gente por alguns grupos, hoje se tratam como parentes (Lévi-Strauss, 1993, p. 334).

Tratando-se do período pré-contato com o “não índio”, a relação de poder estabelecida pelos Zoró se baseava em dois aspectos diferentes e complementares a relação intraclânica e a interclânica. Na relação intraclânica, a liderança do Zawijaj junto aos seus próximos pode ser definida. Adquirida através das atividades diárias e do contato com as famílias, a partir do estabelecimento de alianças, com as quais reforça o seu grupo e mantém-se no poder.

Na relação interclânica, um líder Zoró precisava (e precisa) de atributos pessoais indispensáveis, como ser um excelente guerreiro, grande disposição para o trabalho e ser reconhecido como bondoso para com os demais. O desprendimento do líder gerava e gera prestígio, o direito de ser ouvido e respeitado, mas não lhe dava (ou dá) o poder de decisão unilateral. As decisões estavam (e ainda estão) baseadas no poder do convencimento, que o indivíduo ou os grupos de indivíduos tinham (têm) perante os demais e na coragem do enfrentamento com o inimigo, ou seja, eram os guerreiros mais fortes os tomadores das grandes decisões que envolviam os interesses do povo. Como exemplo, os membros do grupo Pangyjej, temido pelo apurado espírito guerreiro, tiveram e têm um status diferenciado.

Contam os anciãos que, quando havia uma festa e estes chegavam com duas penas cruzadas enfiadas em um orifício no nariz<sup>3</sup> – uma em cada lado – causava tristeza nos presentes porque era um sinal de que vinham para brigar e poderia até haver mortes. Mas, quando chegavam com uma só pena no nariz, era o sinal de que a festa aconteceria em paz. O comportamento do

clã Pangyjej para com os demais reflete uma relação construída na base da troca, pois é este grupo o mais aguerrido nas batalhas contra o inimigo e o que perdia mais membros em combate: era a segurança do grupo. Em contrapartida, os outros clãs deveriam aceitar os seus caprichos.

Embora os clãs Pangyjej e Pangy Kirej fossem de tendência guerreira mais apurada e liderassem os demais na guerra contra os inimigos, os Zabeap Wej, considerados pelos demais como “boa gente”, mantinham uma posição privilegiada de poder tanto quanto os Pangyjej, o que pode ser explicado pela capacidade de argumentação na hora da formação das alianças.

Conforme acima delineado, são descritos três aspectos importantes na determinação da estrutura hierárquica interclânica: o respeito que os membros de um clã tinham com o seu Zawijaj, a coerção que um clã exercia sobre os demais e a capacidade de negociação e articulação entre os diferentes clãs. É importante salientar que após o estabelecimento do contato interétnico, o primeiro e o último aspecto é o que tem prevalecido, porém sempre há uma referência ao passado que é respeitada. Na estrutura hierárquica intraclânica o estatuto do poder está relacionado ao respeito obtido pelos demais membros do grupo, e não apenas ao poder como forma de dominação.

Cabe aqui um parêntese relativo às mudanças ocorridas após o contato interétnico e que implicaram em algumas modificações na relação de poder tradicionalmente construída pelo povo Zoró. Com o fim das guerras tribais e a tutoria da FUNAI – Fundação Nacional do Índio surgiram novas necessidades associadas ao convívio e ao modo de viver. Dentre elas podem ser destacadas: a educação escolar e a assistência à saúde. Porque esses dois aspectos são importantes na nova configuração de poder? Primeiro que os índios precisavam aprender a leitura, a escrita e o cálculo para melhor interagir com os indivíduos da sociedade nacional envolvente.

O elemento masculino dentro da escala hierárquica do grupo está acima das mulheres. Essa relação é percebida na hora da alimentação coletiva em determinadas festas rituais, quando os homens comem primeiro, depois as mulheres e crianças; nas reuniões, os homens sentam à

3 O nome do orifício em Pangyjej é chamado “pami wã karap”.

frente e as mulheres imediatamente atrás; e na questão do parentesco, a linhagem é determinada pela patrilinearidade.

Os mais velhos (pandet, em língua materna) geralmente são tratados com grande respeito, pois são eles quem detém o conhecimento da cultura e da técnica. Outro aspecto da influência dos mais velhos para com os mais novos é que eles sempre têm a primeira palavra. Aliás, a relação de respeito é a linha mestre da organização social e da continuidade do modo de viver próprio do povo Zoró. Não é exagero afirmar que a reprodução do modo de vida tradicional se dará somente até o momento em que os jovens, sob a influência da mudança de costumes ou outros motivos de rebeldia às regras culturais historicamente estabelecidas, não mais obedecerem aos seus pais.

A organização social Zoró é rígida, baseada em códigos simbólicos próprios para definir as regras para o grupo. Esses códigos podem ser percebidos quando se trata da solução de conflitos. Para os Zoró, uma das maiores preocupações é a sua imagem perante os outros. Dessa forma, os problemas domésticos têm um tratamento especial de forma a não se tornarem públicos: são resolvidos durante a madrugada, tendo como mediador o Zawijaj mesmo que este não seja membro da família em contenda. Essa forma não expõe as pessoas ao ridículo, e reforça o prestígio do líder.

A divisão social do trabalho é baseada no gênero. De um modo geral cabe aos homens a segurança da aldeia, a derrubada do mato e o plantio da roça, a caça, a pesca, a coleta dos frutos, a construção da “zap”, a limpeza do pátio da aldeia, a confecção das armas. Às mulheres cabem a colheita e o transporte dos produtos agrícolas, de lenha, o preparo dos alimentos, o cuidado com as crianças. No aspecto relacionado à confecção de objetos, também é nítida a diferença. Aos homens cabe produzir os seus instrumentos de trabalho, de caça, pesca e instrumentos musicais: arco, flecha, machados e flautas. As mulheres se encarregam da produção de cerâmica, dos trançados e enfeites como pulseiras e colares. Em alguns casos os homens produzem cestos trançados de palha como o bassapé<sup>4</sup>, e um colar feito de cipó coberto com um

trançado da palha do olho do babaçu (*Orbignia martiana*) chamado de “ambuap”.

As atividades produtivas do povo Zoró podem ser divididas em três modalidades: roçados, expedições coletivas e atividades individuais. Os roçados são atividades mais relacionadas à família, uma responsabilidade do homem guerreiro que provê os seus descendentes. Tanto é realidade que muitas das histórias falam sobre a necessidade da disponibilidade do homem para o trabalho, e nas narrativas sobre o casamento, o sogro escolhia o genro com coragem de trabalhar, este também era requisito básico para tornar-se um Zawijaj. Dessa forma, o trabalho se caracteriza como um atributo importante de status. Embora os roçados pertencessem (ou pertençam) às famílias, o uso dos produtos sempre se dá de forma coletiva, porque culturalmente não há um controle rigoroso sobre os bens ou uma ideologia da individualidade.

Os fenômenos naturais do ambiente em que vivem orientam as atividades produtivas e culturais. Ou seja, indicam os elementos importantes para construir aquilo que pode ser chamado de calendário Zoró. Nesse sentido, são observados sete fenômenos que ditam as atividades do povo. Representado graficamente ele apresenta a forma de uma pizza de sete pedaços, em que não é possível determinar o início ou o fim, conforme uma vez falou um índio Zoró durante a pesquisa: “não existe calendário para nós, é tudo direto”.

Cada família deve levar um jacaré capturado vivo, que em determinado momento da festa é disposto no pátio da aldeia para que o Wãwã abençoe cada membro da família com o espírito do jacaré. Logo após, eles são jogados dentro da maloca e mortos com paulada, para depois ser distribuído aos participantes, como “troca dádiva” (MAUSS, 2003).

Outra festa religiosa que acontece com bastante frequência é a do Zagapuj ej, cujo objetivo é invocar o espírito que protege a caça, as colheitas de mel e de pama ou abia. Este espírito vive no mundo dos homens, e é ele que traz a fartura das colheitas. Antes do acontecimento da festa, no entorno da aldeia e da maloca é feito um varal e colocados todos os produtos cultivados (algodão, mandioca, cará, entre outros) em oferenda ao espírito pelas boas colheitas obtidas.

Na festa do bebej, se invoca o espírito do

4 Cesto trançado de palha verde da palmeira babaçu que serve para transporte da caça, confeccionado no ato do abate do animal. Não apresenta nenhum tipo de enfeite e é descartado logo após o seu uso.

porcão (Tayassu pecari) – uma espécie de porco selvagem – para que ele não desapareça da terra dos Zoró e não venha a comprometer a alimentação do povo. No auge do ritual, o Wãwã se comunica espiritualmente com o espírito do porcão, e nessa viagem é revelado o local onde está a vara de porcos. O Wãwã, após retornar de sua viagem espiritual, indica aos presentes o local exato, que saem para capturar os animais a serem servidos na festa.

O Gat Pij é uma festa religiosa que reverencia o espírito habitante da dimensão celeste, que também é chamada de “Gat Pij”, e seu poder é o de curar as pessoas doentes. Na cultura Zoró não dá para separar o mundo espiritual do material, ambos se complementam.

O contato com o não-índio inseriu no âmbito da organização social Zoró mudanças jamais imaginadas por esses indígenas. Isto trouxe alguns ganhos – segundo os próprios índios – mas, em compensação, levou a uma desestruturação do seu modo tradicional de viver. A grande maioria dessas mudanças foi imposta pelo colonizador, seja pela ação do órgão responsável pela assistência, seja por pressão das interferências religiosas.

## ACONSTRUÇÃO DA CASA

Márcio Zap'ap Zoró relata:

[...] Primeiro o povo Zoró vivia em grandes malocas, que recebia o nome de Zap Tere e era chamada também de Zap Puj. Na Língua Portuguesa de Casa Grande. A maloca tradicional é de teto alto, coberta de palha de babaçu até ao chão, por isto não tem paredes, o chão é de terra batida. O local construído para a construção é sempre perto da água e do roçado, para facilitar os trabalhos dos homens e das mulheres. Dentro da maloca podem morar várias famílias, cada uma em seu próprio canto para atar suas redes, fazer fogo para cozinhar, guardar sua coisa e pendurar sementes, tubérculos para plantio.

O dono da maloca é o chefe da família, ele quem organiza, ordena e orienta os trabalhos dos outros chefes de família que moram com ele.

A pessoa quem vai construir uma maloca escolhe um lugar para sua casa. Neste local ele fura os buracos, depois ele convida pessoas de sua e de outras aldeias para ajudá-lo. As madeiras são levantadas, é dado o começo na construção. Primeiro ele faz a parte de madeiramento da estrutura, depois vem o trabalho de colocar as



Figura 2. Levantamento do madeirame da casa,

palhas.

Antes disto fica uma equipe no mato cortando embira e palha. Depois este material é transportado da mata para aldeia. Na aldeia outra equipe se responsabiliza em ir dobrando e amarrando as palhas. Assim começa a fazer a cobertura. Para construir uma maloca (Zap Tere) é preciso todo este processo para deixar uma moradia adequada para o povo Zoró. As moças também ajudam a fazer a casa. Elas juntamente com suas mães garantem a bebida durante todos os dias de construção da casa e dos pilões. Elas também ajudam a carregar e dobrar a palha.

Em uma maloca costuma morar mais de uma família. Nas aldeias antigas e populosas haviam de 03 a 04 malocas. O dono da casa a ser construída convida pessoas de varias aldeias para ajudar. As pessoas ajudam voluntariamente. O dono da casa oferece macaloba durante todo o tempo do trabalho, essa é uma forma que os Zoró têm de agradecer.

No final da construção o dono da casa organiza espaços para cada grupo familiar ocupar, e todos passam a morar juntos em espaços organizados dentro de uma mesma maloca. E assim distribuído, na parte da frente da maloca fica o local de cozinhar. Na sequência, posicionam-se o cacique e o pajé, um de um lado e um do outro. As demais laterais são ocupadas por outros grupos familiares, e a parte central e do fundo é ocupada por outras famílias ou pessoas em ocasião de visitas.

As casas são construídas em vários tamanhos, vamos chamar de tamanhos; 1, 2, 3 e 4. O tamanho um tem a parte da frente onde e



usado para cozinhar e em uma das laterais está o espaço reservado ao dono da casa. A outra lateral é oferecida a uma visita importante. O centro da casa e o fundo são ocupados por visitantes na medida em que não há mais opção de espaço na casa,

O tamanho 2, 3 e 4, são organizados da seguinte maneira: a parte da frente é usada para cozinhar e colocar os pilões de chicha; em uma das laterais está o espaço reservado ao dono da casa; a outra lateral é reservada ao pajé (se ele fizer parte da família dessa casa); os demais espaços são ocupados de acordo com a importância hierárquica cada membro da família (sogros, filhos casados). Os fundos e o centro para são reservados para as visitas.

### CONCLUSÃO

Atualmente cada família Zoró paga um carpinteiro ou faz sua casa própria, onde o dono da casa vive com sua mulher e os seus filhos. O Zawijaj também tem sua própria casa ele mora sozinho com sua família nuclear. A casa tradicional existe, mas poucos a habitam, em

muitas aldeias ela é usada nos dias de frio, quando precisam acender o fogo debaixo da rede. Os anciãos preferem morar na maloca.

Os grandes projetos madeireiros chegaram muito rapidamente até eles. Os Zoró se envolveram com a venda ilegal de madeira. Essa experiência nova de extrativismo, válida para a região de vinte e duas das aldeias Zoró, aponta para um indubitável prejuízo para os índios Zoró quanto à sobrevivência cultural, diferenciada, ao mesmo tempo em que exprime a dinamicidade e plasticidade dessa sociedade no presente, em função do passado. Há enorme preocupação quanto à educação dos mais jovens e das crianças neste contexto. Os mais velhos têm continuamente se indagado como poderão ensinar os conhecimentos adquiridos de seus pais e avós aos seus filhos e netos nas atuais circunstâncias. E têm refletido e se preocupado a respeito do tempo, que não poderá ser recuperado.

Na prática poder-se-á novamente integrar os elementos constitutivos do ambiente, compor e concretizar o conhecimento tradicional, isto porque a relação com o ambiente



Figuras 3 e 4. Servindo a bebida.





Figura 5. Ma'at Zoró amarrando as palhas.

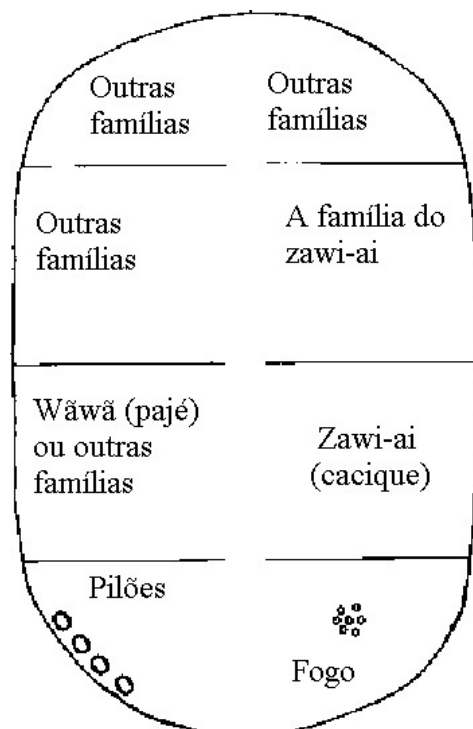


Figura 6. Organização interna do espaço da maloca. Fonte: Brunelli, 1987.

continua sendo elemento intrínseco da cultura Zoró. Mas o uso do extrativismo, inclusive para construção da casa, fica prejudicado.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAUD, Expedito & Cortez, Roberto. (1976). "Aripuanã: considerações preliminares". In: *Acta Amazônica*, 6 (4), p. 11-31.

ATUALIDADE Indígena. (1978). Apoena conta atração dos Zoró. 1 de maio, p. 2-8.

BARRIO, Angel-B. Espina. (2005). *Manual de antropologia cultural*. Recife: Editora Massangana.

BRUNELLI, Gílio. (1986). Relatório das atividades de pesquisa desenvolvidas pelos antropólogos Gílio Brunelli e Sophie Cloutier da Universidade de Montréal, Canadá, entre os indígenas Zoró de 11.07.1987 a 30.11.1985 (ms.).

BRUNELLI, Gílio. (1988) *Atravessando mundos á procura das causas: os Zoró explicam as doenças*, Université de Montreal Canadá.

BRONOWSKI, J. (1986). *Magia, Ciência e Civilização*. Lisboa: Edições 70.

LACERDA, Maria Conceição de. (2002). "Me Ikini Má" (Vamos Olhar para Nós): Partilha da experiência com educação indígena junto ao Povo Zoró. In: *Educação E Protagonismo* Relatos e análises de experiências do cotidiano escolar e de outros espaços formativos. João Pessoa: Idéia Edições FAFICA/GPEC.

LACERDA, Maria Conceição de. (2006). Los Mitos Pangyjej: Una forma de Comunicación y transmisión del Conocimiento. In: *Conocimiento Local, Comunicación e Interculturalidad, Antropología en Castilla y León*, IX. Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco. Recife. PE,.

LACERDA, Maria Conceição de. (2014). *Bekã Pamakube (lugar de aprender). Aprendendo com os Zoró: análise da identidade indígena através da experiência das escolas nas aldeias do povo indígena Zoró*. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidad de Salamanca.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1976). *Pensamento Selvagem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (2008). "Etnologia e História" In: *Antropologia Estrutural I* Cosac naify: São Paulo.

MALDI, Denise. Laudo histórico-antropológico - Ação de Interdito Proibitório. Processo 00.00.01295-05, 2a. Vara da Seção Judiciária do Estado de Mato.

MAUSS, Marcel. (2003). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

MIGUEL, Francisco Paolo Vieira (2011). *Arquitetura Popular Brasileira: um enfoque etnográfico*. Revista *Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 32-50, dezembro. 2011. Semestral. Disponível em: <http://www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2015.

NEIVA, Lígia. (1997). Texto do Projeto de Ação Para o Desenvolvimento Sócio Cultural do Povo Zoró/PAIC/PLANAFLORO.

NEIVA, Lígia. (1998). Texto do CD Room / Pangyjej, Seu Povo, Sua Arte.

WATERSON, Roxana. (2009). *The Living House: An Anthropology of Architecture in South-East Asia*. S.I.: Tuttle Publishing.